

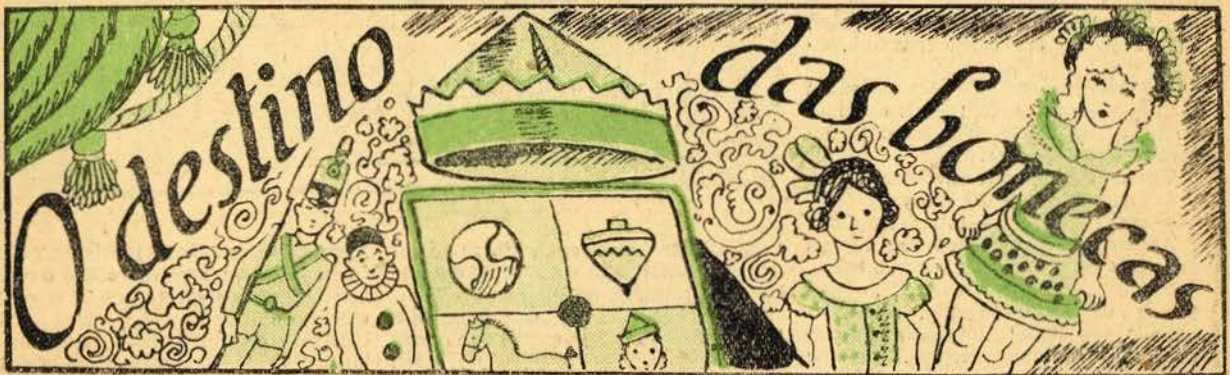


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Per AUGUSTO de SANTA-RITA

Desenhos de A. CASTANÉ

ERAM uma vez, no populoso «Reino dos Bonitos», uma boneca de trapos, modesta, pòbrezinha, de pouca apresentação e uma rica boneca de «biscuit», luxuosa, imponente e cheia de atractivos.

Fôra um modesto operário duma fábrica, um verdadeiro artista criador quem dera forma e essência, corpo e alma, numa palavra Vida, às duas bonequinhas.

Lançadas ao mundo à mesma hora, nascidas no mesmo dia, foram expostas à Sorte na montra dum bazar, onde permaneceram algum tempo.

Durante o dia, olhando, através do vidro amplo da montra, a vida exterior que por elas passava, tão entre-tidas estavam, ante o ávido olhar dos meninos que suspendiam o passo, enleados na graça seductora da boneca de «biscuit» mal reparando na outra, a pobre mona de trapos. — que nem diziam palavra. Mas quando a noite caía, quando baixava o estore da montra e a loja se fechava, as duas bonequinhas conversavam, tagarelando assim:

— «A ti pobre mona de farrapos — (dizia a boneca de «biscuit») — triste sorte te espera! Hás-de ir parar às mãos duma menina pobre, só entrarás em lar modesto, dormirás numa enxérga, ninguém se encantará de ti!»

— «Seguirei, resignada, a minha sorte, — (volveu vir-

tuosamente a bonequinha de trapos) — poderei fazer a ventura duma criança humilde e, embora só por momentos, farei sorrir alguma menina pobre; isso me basta!»

— «Contanto que eu — (tornava a boneca de «biscuit») sem dar ouvidos à outra e olhando-a altivamente com expressão desdenhosa) — serei levada para uma casa rica, dormirei em fôfa caminha comprada expressamente para mim e todos me renderão louvores. Repara na macieza da minha face tão semelhante ao rosto das crianças finas, à cutis do seu semblante; repara nas minhas pálpebras que se abrem e fecham tal e qual como as delas. Repara na minha boca, em meus lábios vermelhos e nos meus alvos dentes pequeninos. No meu cabelo todo em caracóis e em meus olhos azuis, cercados por longas e setinosas pestanas. Nas róscas dos meus braços, levemente rodados, nos meus dedos esguios e em minhas unhas polidas. Em meu traje miúdo, cheio de corações dourados, no meu colar, nos meus brincos. Em minhas meias de seda e sapatinhos de pelica.

Olha, agora, para ti: és toda de trapos, velhos farrapos que dir-se-iam tirados



do caixote do lixo. Tens, por olhos, duas pequenas contas

(Continua na página 4)

INFANCIA CÉLEBRE

Por J. F. S. — Desenhos de A. CASTAÑÉ

— « **E**STE menino não pode viver! Tão pequeno e tão raquítico!... Sem cor, sem expressão, sem voz! Que tristeza, meu Deus! » —

Assim se lamentava uma senhora ao contemplar o filho recém-nascido.

— « É verdade, Sofia (atalhou a senhora Dessirier, sua madrinha.) — Ora vêde: não chora, não grita não se move... »

A mãe pôs o pequenito no berço, mas, reparando no seu corpo franzino, exclamou:

— « Que pequeno! Fodiam pôr-se ali meia dúzia como ele! » — E cobriu-o de beijos enquanto pelas faces lhe rolavam duas lágrimas.

Vieram depois os irmãozinhos:

— « Que feio! » — diz Abel.

— « Oh! o bicho! » — afirma Eugénio.

Ao coração da desolada mamã estas censuras ao filho, feriam como balas.

Por isso, ao ficar só com ele, apressou-se a oferecer-lhe o peito, trazendo-o para o seu leito! Ao princípio, a criança não se move. Depois, abre uns olhinhos cobicosos e cola a boquinha ao seio materno.

Sofia estremece de alegria; olha demoradamente aquele pedaço da sua vida, e exclama num legítimo orgulho de mãe:

— « Ah! tu és bonito! Serás grande, serás forte. Tu viverás! »

... E viveu! Recebendo o nome de Victor, o menino, ainda que débil fisicamente, demonstrava apreciáveis qualidades intelectuais e morais. Entregue aos cuidados dum bom mestre, pouco trabalho deu a ensinar, pois aprendera por si próprio a constituir palavras, olhando a forma das letras.

Continuando nos estudos, aproveita os momentos de folga para montar, com seus irmãos e outros pequenos companheiros, um teatrinho de fantoches. O



exito não se faz esperar, graças ao engenho, inteligência e até certa dose de bondade natural, de Victor.

E um belo dia o teatrinho passa a ter actores de carne e osso que representam uma peça original do nosso herói de nove anos, intitulada « *O palácio encantado.* »

Cinco anos depois, Victor traduz tão bem as complicadas odes de Virgílio (o grande e laureado autor Latino) que consegue dar uma versão mais perfeita do que a do próprio professor. Em poucos dias traduziu o menino de latim para francês nada menos de três mil versos de Virgílio!

Sempre estudando, sempre aperfeiçoando-se, Victor concorre com um trabalho literário ao concurso da Academia francesa obtendo menção honrosa. E é tal o merecimento do trabalho que um dos académicos, o notável Francisco de Neufchâteau se torna seu amigo, a ponto de com ele se corresponder em verso.

Mas Victor anceava mais. Concorre á

Academia dos Jogos Florais de Tolosa (Espanha) com uma ode sobre o restabelecimento da estátua de Enrique IV e obtém o Lírio de ouro, a mais honrosa distinção daquele tempo. Tinha então quinze anos. Sua mãe estava doente mas, ao saber a boa nova, melhorou imediatamente e foi entre lágrimas que ela apertou contra si aquele bom filho que ás grandes qualidades de inteligência aliava uma fervorosa amizade por sua mãe.

Victor criara fama.

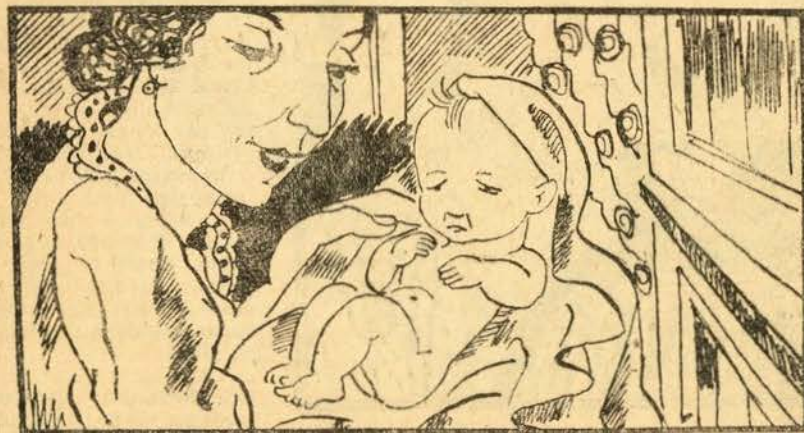
Multiplicavam-se os admiradores daquele talento precoce. Incitado por eles, concorre a outros prémios.

Ganha-os. E escreve, escreve sempre... Da poesia passa á prosa; sua linguagem é correcta e clássica; os entrecchos dos romances e das novelas agradam. Seus versos perfeitos como ninguém os fizera até então. É na vida real que ele busca os seus temas. O povo ama-o porque Victor é o escritor que mais e melhor compreende as suas dores e mais defende os infelizes e desprotegidos.

Veem mais tarde alguns desastres motivados pela política, mas Victor, passada a tormenta, volta aos seus triunfos e morre coberto de gloria.

O menino franzino a quem, mau grado todos os pessimismos, sua mãe prognosticou que viveria e seria grande, viveu e foi grande, muito grande, até: Ficou na História sob o nome de Victor Hugo, o maior génio do século XIX, cujas cinzas estão cuidadas e mente guardadas no panteão nacional da França.

A este caminho conduz o trabalho e o amor ao estudo, quando orientados pela justiça e pela bondade.



F I M

PARA LER AOS MAIS PEQUENINOS

OS TRES POMBINHOS MARIOLAS

Por LEONOR DE CAMPOS

ERA uma vez uma pomba muito linda, de cabeçinha á banda. Um dia encontrou um pombo mariola que gostou muito dela e casaram. Passado tempo a pomba pôs três ovos, chocou-os e nasceram três pombinhos mariolas de cabeça á banda.

Os pombinhos eram muito lindos, muito lindos: todos branquinhos e gorduchos.

Mas, á medida que iam crescendo, iam-se tornando invejosos e maus. Quando a mãe trazia no bico a papinha para lhes dar, faziam um grande barulho, porque todos queriam ser o primeiro. A mãe via-se aflita.

— «Ora esta, (dizia ela,) como hei de eu dar a papinha a todos três ao mesmo tempo, se eu só tenho um bico!...»

Porque, — (você sabem,) — os passarinhos para darem a comida aos filhos pequeninos, é no bico que lha trazem. E os petizes só teem o trabalho de estender os biquitos e tirá-la do bico da mãe.

Ora, como eu estava a contar, estes pombinhos eram levados da bréca. A mãe não os podia aturar e o pai já algumas vezes lhes dera umas bicaditas a ver se os metia na ordem. Mas os marotos não tinham emenda. Apenas apanhavam os pais lá fora, então é que eram elas!... Comoçavam logo a chamar nomes feios uns aos outros:

— «Seu pombo com fel!» dizia um.

— «Você é que é, seu cabeça torta!» gritava outro.

E logo o outro:

— «Cabeça torta será êle... Ora o palerma!...»

Daí a pouco, é claro, estava tudo á tareia. Bicadas, mais bicadas, muitas vezes até fazer sangue. Quando á tarde chegavam os pais e viam os pombinhos naquele estado, ficavam todos apequentados e tristissimos por terem uns filhos tão maus.

Mas um dia, quando a mãe estava a pentear os filhos, reparou que entre as penas branquinhas que inteiramente os cobriam, começavam a aparecer umas penas prêtas. Ficou aflita:



— «Que será isto? Os meus pombinhos mariolas, tão branquinhos, com penas pretas? Estão doentes com certeza!...»

Mas no dia seguinte, então, é que ia morrendo de pena. Os seus filhinhos estavam negros como o carvão!... A pobre mãe quando os viu assim, pôs-se a gritar:

Quem acode
aos meus filhinhos
que eram brancos
e estão pretinhos!...

Ao ouvir aqueles gritos, correram para junto da árvore, onde estava o ninho, muitos bichos e bicharocos. Mas nenhum sabia qual a doença dos pombinhos.

Até que um grilo se lembrou;

— «O' comadre pomba, porque não vai você consultar o Dr. Burro que é sabido e ressabido?»

— «Diz bem, compadre grilo — (respondeu a pomba, a chorar.) — Tem muita razão. Vou já, já, levar os meus queridos pequerruchos ao Dr. Burro.»

E assim fez. Pegou nos pombinhos, meteu-os num carrinho feito da casca dum melão, todo acolchoado com penas, chamou a lebre para o puxar e marchou tudo para o consultório do Dr. Burro.

Apenas chegaram, bateram á porta:

— Truz, truz!

— «Quem é?»

— «O Snr. Dr. dá licença?»

— «Entre.»

Entraram, cumprimentaram o Dr. com uma vénia e a mãe pomba principiou:

— «Meu rico sr. Dr. Os meus meninos tão lindos, uns pombinhos mariolas como outros não há no mundo, eram branquinhos, branquinhos como a farinha de trigo. E agora, de repente, tornaram-

(Continua na página 6)

O DESTINO DAS BONECAS

(Continuado da página 1)

dalgum velho rosário. Tens, por nariz, um simples arremêdo. Por boca um ponto de retroz vermelho. Nas faces, sem relevo, simples borrões de tinta encarnada com que se escreve. Mãos sem dedos ou antes indicados, apenas, a retroz negro mas tão mal imitados! Um vestido ordinário e um avental indicando o teu destino:—servir! Fazes-me pena, acredita! És uma pobre de Cristo!»

E, assim, tagarelando, uma, ofensivamente, com maldade e soberba, outra em defesa própria, com bondade e virtude, passavam as horas de silêncio na loja até que os galos cantando, os sinos tangendo, os pregões vibrando e o ruído do correr do zinco ondulado, das portas do bazar, indicaram que o dia amanheceria e principiava o vai-vem das gentes pelas ruas. Ergueu-se a cortina da montra e as duas bonecas emudeceram, de novo, entretidas a olhar...

Grupos de criancinhas paravam, em extasi, junto da montra, fixando os olhos cobiçosos na linda boneca de «biscuit», mal atentando na outra, ou rindo pelo estranho contraste que formavam.

Nisto, uma menina, luxuosamente vestida, acompanhada pela Mãe, uma senhora extremamente elegante, parou, também, um momento, a observar a boneca e exclamou radiante:

—«Pronto, Mãezinha... Era uma, assim, tal qual, que eu desejava. Escusamos de ir mais longe!...»

E, entrando no bazar, saiu pouco depois, sobraçando uma comprida caixa embrulhada e dando lugar a que ficasse na montra, sozinha, abandonada, a pobre mona de trapos.

Ao fim da tarde, porém, uma pobre costureira, conduzindo pela mão uma pequerruchinha de oito anos, parou junto dela, quási forçada pela criancinha que se ficou embevecida a olhar a pobre mona de trapos, acabando por balbuciar timidamente:

—«Mãe, compra-me esta boneca tão bonita!»

Após uma curta hesitação, de quem tem que deitar contas à vida, Mãe e filha entraram no bazar, saindo, pouco depois. Sempre ao lado da Mãe a pequerrucha não sobraçava uma caixa embrulhada mas trazia a bonéquinha ao colo, tão bem ajustadinha que até parecia sorrir à plena luz do sol.

E, como nós todos neste mundo, seguiu cada boneca o seu destino...

Transportada pela menina, filha de gente rica, a boneca de luxo entrou num palacote onde, ao ser desembulhada, causou a admiração dos seus moradores, desde os patrões aos servos. Andou de mão em mão, de colo em colo, entre risos e exclamações, até quási à hora de jantar.



Todavia, após este, e durante o serão, era, apenas, a pequenina dona quem brincava com ela. Por fim, deitadinha ao seu lado, em fôfa cama arrendada, deixaram-se adormecer e sonharam, sonharam toda a noite:—A menina com a linda boneca e a bonéquinha orgulhosa com a mona de trapos.

Fôra bem diverso o destino da pobre bonéquinha de farrapos. Ao colo da garotinha, filha da costureira, entrara num lar modesto, uma água-furtada, que tinha por janelas uns pequenos postigos. Contudo, não menos estimadinha, que a boneca de «biscuit», deitara-se, também, com sua dona que, com ela, igualmente sonhou toda a noite, a-pesar da espertina desta, que não fechava as pálpebras como a linda boneca de «biscuit», talvez por não poder dormir de tanto pensar na outra.

Porém, na manhã seguinte, ao contrário da pobre garotinha, a rica menina desinteressou-se da boneca. Já nem brincava com ela!

Deu-se, então, a seguinte coincidência:—A Mãe da menina pobre era a costureira da Mãe da menina rica. E por capricho do Acaso, ao colo da sua dona, a bonéquinha de trapos entrou na habitação em que se encontrava a soberba boneca de «biscuit».

Em dado momento, já farta de brincar com esta, apeteceu a menina rica ficar, também, com a mona de trapos. Pedeu à menina pobre que lha desse, quási implorou, até que, vendo baldados todos os seus esforços, acabou por exigí-la, intimando-a a dar-lha, num tal acesso de fúria que a levou a atirar ao chão a rica boneca de «biscuit», cuja cabeça e braços se esmigalharam no «parquet» da salinha em que ambas as meninas se encontravam.

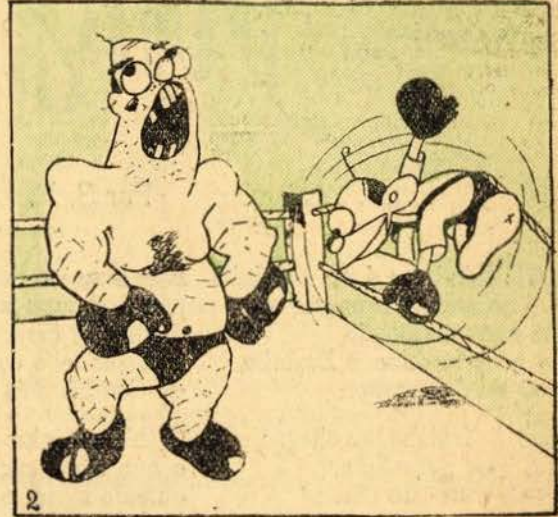
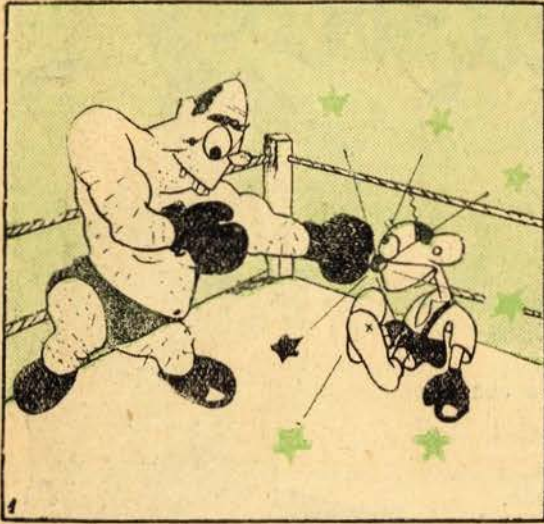
A boneca de trapos, ao colo da sua dona, tão humilde como ela, estremeceu ao ver naquele estado a antiga com



FURACÃO E MINGUADO

JOGADORES DE BOX

Por ZÉ DA VILA — Bonecos de QUIM



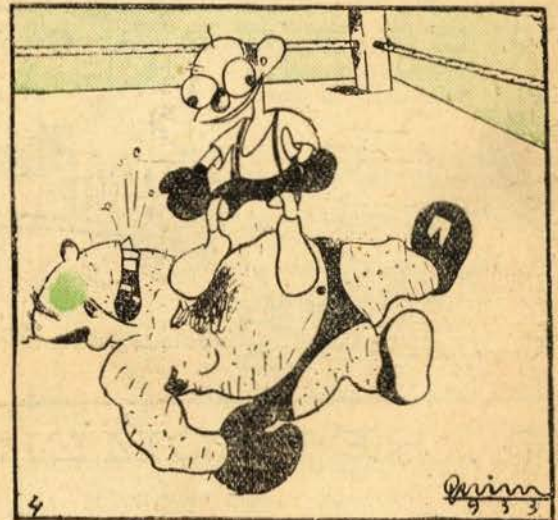
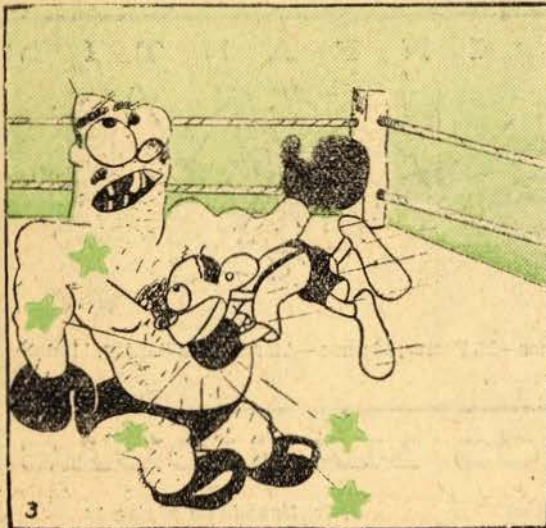
SERAPIÃO SANGANDONGA FURACÃO era o mais terrível jogador de box de Arrentela e logares próximos. A sua fama transpusera já as serras da Arrábida e de Sintra e estava prestes a ir mais além das de Bornes e de Espinhaço de Cão. «Boxeur» de antes torcer que quebrar, aprazou certa ocasião um desafio com o Chico Minguado, um pobre homem com fumaças de valentão. O

encontro efectuou-se perante numeroso público em Paço Pires.

Quando os dois azes se encontraram, Furacão, ao vêr que Minguado era tão reduzido, exclamou com ares desprezíveis:

— És, então, tu o meu rival?

— Isso pergunto-te eu! — Respondeu o Chico, ajeitando as luvas, com ares de pessoa afectada.



Ao iniciar-se o combate, no meio de grande regosijo da selecta assistência, Sangandonga, lembrando-se que o seu apelido de Furacão não lhe tinha sido posto só para vista, applicou tão violento murro no pobre Minguado que este, com uma velocidade de mais de 90 nós, foi de encontro às cordas. Em consequência, porém, do excesso de velocidade, os barços esticaram à laia de elástico e projectaram, com

uma velocidade de mais de 3.000 nós, o nosso pobre Minguado. Tão violento foi o choque com Furacão que este caiu por terra inanimado.

O Chico, depois de lhe soprar os ouvidos e de verificar que Sangandonga não lhe ligava meia, pulou sobre o vencido e foi proclamado vitorioso por entre os aplausos da multidão delirante.

panheira do bazar e recordou, então, tudo que ela dissera, com seu ar petulante de excessiva vaidade.

a leiça. Tarde ou cedo se tornará em cacos e dela seremos vítimas. Pelo contrário a Modéstia, a que, também, se chama Humildade, tem um secreto encanto que só as alminhas simples e bem formadas, (numa palavra: — belas,) comprehendem e sentem.

Pequeninos leitores, que me estais lendo, desta pequena história deveis tirar a moral que ela encerra: — A excessiva vaidade, a que se chama Soberba, é sempre quebrável como

F I M

Dom Béu-béu

Por S. R.



«DOM Béu-béu» é um cãozinho imensamente engraçado e bem mais civilizado que o próprio dono, o Zézinho, menino mal educado.

Quando o Zézinho, ao chegar a casa, vem porcalhão, com sua «fala» de cão, «Dom Béu-béu» põe-se a ralar, em ar de repreensão:

— «Béu-béu-beu-béu-béu-béu-béu. Não tens vergonha, Zézinho, de ser assim tão porquinho?! Porque não fazes como eu que ando sempre asseadinho?!...»

E se acaso o dono seu, põe o chapéu na cabeça, dentro de casa, o «Béu-béu» a ladrar logo começa:
— «Béu-béu-béu... tira o chapéu

O Zézinho não entende o que diz o cachorrinho quando assim o repreende. Mas é de crer que se emende, pois já lhe disse o paizinho

o que quer' dizer na sua, »Dom Béu-béu» com seu ladrar. Quando os cães ladram à lua, ao Pai do Céu vão contar o que passa em cada rua:

— Os mil pecados que fez quem neste mundo anda mal.

.....
Por isso muitos bebês não teem nas chaminés, presentes pelo Natal!

COLABORAÇÃO INFANTIL



João Augusto de Oliveira, 13 anos—H. Ferrer, 10 anos—Amadeu dos Santos, 11 anos

OS TRES POMBINHOS MARIOLAS

(Continuado da página 3)

se pretos. Diga-me, sr. dr. que doença será esta e se pode curar-se. Diga depressa, senão rebento...»

O dr. burro não respondeu. Cheirou os pombinhos, deu-lhes umas focinhadas pequeninas, lembéu-os. Em seguida, sentou-se nas patas detrás e pôs-se a pensar. E, ao fim dalgum tempo, decidiu-se:

— «Diga-me uma coisa, senhora Pomba. Os seus filhos portam-se bem? Nunca fazem maldades?»

A pomba, envergonhadíssima, respondeu muito baixinho:

— «Fazem, sr.dr. São muito invejosos e batem-se constantemente...»

— «Ora então —(respondeu o burro)— está explicada a doença. Os seus meninos tornaram-se pretos por serem maus... Meus queridos pombi-

nhos; se vocês querem voltar a ser branquinhos e lindos como eram, teem que deixar-se de pancadarias e maldades. Não posso aconselhar-lhes outro remédio...»

A pomba deu muita palha ao burro e levou os filhos para casa. Estes iam muito envergonhados e arrependidos.

E nunca mais tornaram a bater-se nem a ser invejosos.

Por isso, daí a algum tempo, começaram a caírlhes as penas pretas e, no lugar delas, tornaram a aparecer as lindas peninhas brancas dos pombinhos mariolas da cabeça á banda...

O jogo da Maçã

PALAVRAS

MEUS amiguinhos: «Pim Pam Pum» vai ensinar-lhes uma brincadeira interessante — o Jogo da maçã. Ata-se um destes frutos com um fio e dependura-se à altura dos ombros de vocês. Entre os jogadores escolhe-se um e venda-se-lhes os olhos com um lenço, depois do que é levado até junto da maçã em redor da qual dará três voltas. Em seguida diz-se-lhe que tente dar uma dentada no fruto.

O «cego», que terá as mãos atrás das costas, pode fazer três tentativas para morder a maçã.

O Jogo é muito divertido porque o jogador, de olhos vendados, morderá em vão e às vezes em lugar oposto aquele onde se balanceia o fruto. Se lhe toca com os lábios ou com os dentes — não é necessário que o morda — ganha e então outro jogador fará de «cego». Se não consegue tocar na maçã ou o faz com o nariz, o rosto ou outra parte do corpo, perde e retira-se do jogo.

Quando todos os jogadores fizeram de «cego», os que ficam, quere dizer, os que conseguiram «morder» a maçã, repetem as tentativas e sucessivamente se eliminam os que perdem até que fique um só, que é o vitorioso e ao qual se pode dar um prémio.

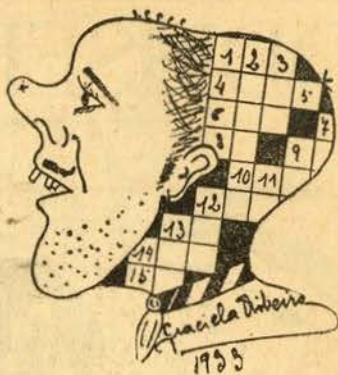
Acontece às vezes que na primeira parte do jogo nenhum dos jogadores consegue «morder» a maçã. Neste caso todos voltam a jogar.

Convém atar o fio com nó corredeiro a fim de estendê-

CRUZADAS

Horizontais:— 1, adverbio de afirmação; 4, primeiro homem existente na terra; 6, corrente de água doce; 7, consoante; 8, contracção; 9, nota musical; 10, pronome possessivo; 12, cacête; 13, adverbio de lugar; 14, tempo do verbo saber; 15, conjunção.

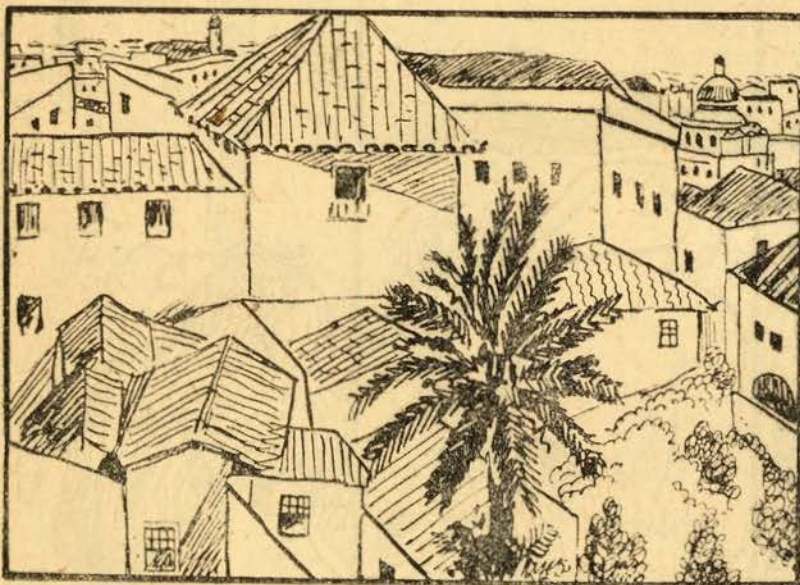
Verticais:— 1, nome feminino; 2, parvo, tolo; 3, extremidade do traço; 5, vogal; 7, tempo do verbo rir; 9, segunda palavra do nome de uma serra portuguesa; 11, pronome pessoal; 12, progenitor; 13, tempo do verbo lêr; 14, nota musical;



-lo ou encolhê-lorapidamente, segundo a altura de cada jogador.

PARA OS MENINOS COLORIREM

Qual a coisa,
qual é ela?...



I
Sou um objecto barato,
duma grande utilidade
para os dentes, para o fato;
mas falto sempre à verdade.

II
Leve mancha redondinha;
tempo de verbo também;
e sou pequena avezinha
ao redor da minha mãe.

SOLUÇÃO DAS CHARADAS E
ADIVINHAS ANTERIORES:

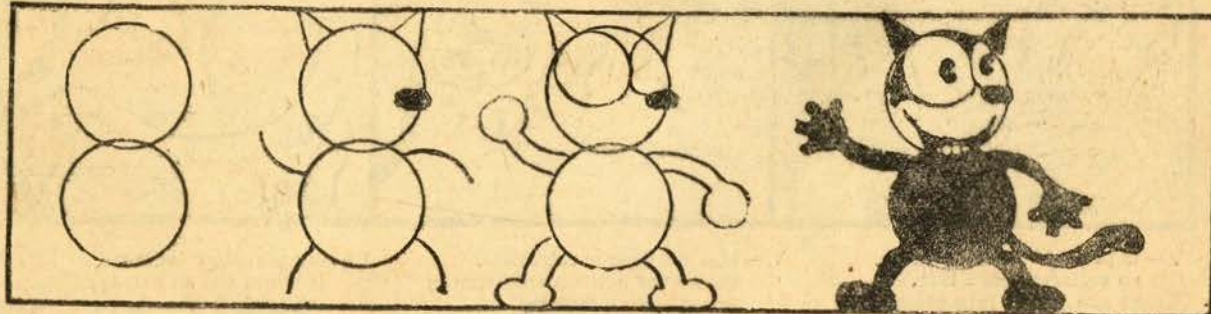
Santarem — Mercela I — Chaves,
II — Trapeira.

Correspondência

José F. Reis:— Impossível publi-
car os teus desenhos porque não
veem em condições de reprodução.

TIO PAULO

L I Ç A O D E D E S E N H O



Como se desenha o Gato-Félix

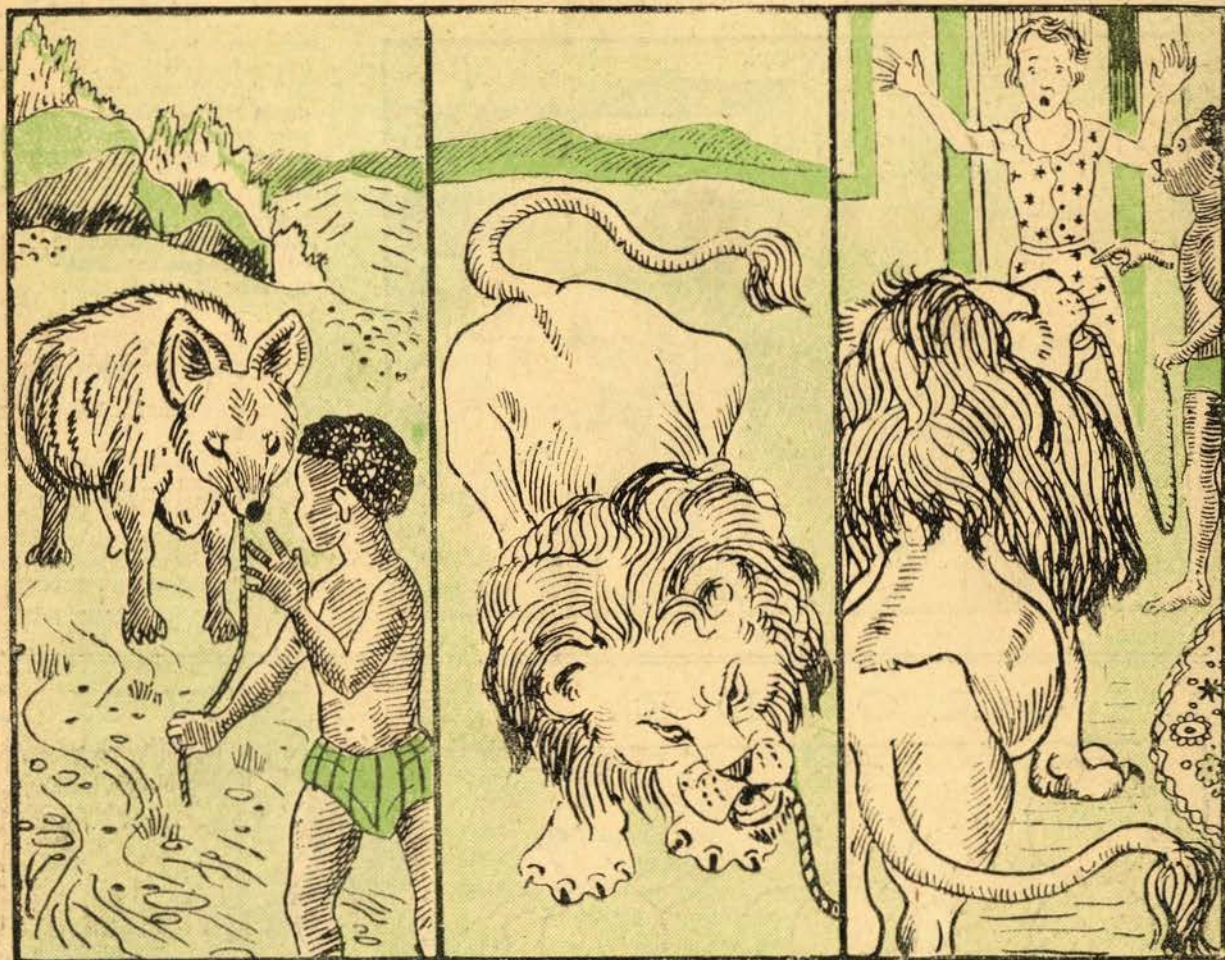
ODISSEIA DUM PRETINHO



I — Certo africanista, um dia, disse a um servo pretinho, que levasse um cordeirinho de presente à sua tia.

II — Então, o preto, ligeiro, uma corda logo ata ao pescçoço do cordeiro, e ei-lo a caminho, entre a mata.

III — Mas surge, a meio caminho, uma hiena esfomeada, que devora o cordeirinho, ficando à corda amarrada.



IV — O pretinho, com surpresa, ao voltar-se para trás, vê que leva a fera presa e que esta caminha em paz.

V — Mas um leão surge agora, que ao ver o bicho embuchado, por sua vez o devora, ficando à corda amarrado.

VI — O pretinho, todavia, sempre fiel ao patrão, chegado à casa da tia do seu amo, diz, então,

VII — a tremer, nervosamente:
Mia Siôa aqui estou

com êste lindo presente
que lhe manda o meu Siô!